

---

# ESCREVIVÊNCIAS DO BEM VIVER: PERSPECTIVAS DE SAÚDE, EDUCAÇÃO E RELIGIÃO COMO FERRAMENTAS DE DENÚNCIA, MEMÓRIA E CURA

---

ESCREVIVÊNCIAS DEL BUEN VIVIR: PERSPECTIVAS DE SALUD, EDUCACIÓN Y RELIGIÓN COMO HERRAMIENTAS DE DENUNCIA, MEMORIA Y SANACIÓN

ESCREVIVÊNCIAS OF WELL-BEING: PERSPECTIVES ON HEALTH, EDUCATION, AND RELIGION AS TOOLS FOR DENOUNCING, MEMORY, AND HEALING

**Marta Giane Machado Torres<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-5847-6456>  
<http://lattes.cnpq.br/1809487581507508>

**Flaviana da Costa Maués<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-6295-0712>  
<https://lattes.cnpq.br/0091858565202535>

**Huiny Silva Monteiro<sup>3</sup>**

<https://orcid.org/0009-0006-9656-440X>  
<http://lattes.cnpq.br/7403047423217471>

**Andrea Cardoso Cardoso<sup>4</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-3627-392X>  
<http://lattes.cnpq.br/0473898068358568>

---

<sup>1</sup> Enfermeira feminista e ativista da saúde. Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Atenção Básica da Saúde pela Universidade Estadual do Pará. Mestra em Saúde Coletiva pelo Programa de Pró-Graduação em Saúde, Ambiente e Sociedade na Amazônia e Doutoranda pelo Programa de Sociologia e Antropologia - PPGSA/UFPA. Servidora pública estadual na Assistência Especializada em HIV/AIDS - SESPA. Docente no Curso Técnico Integrado EETEPA Prof. Francisco da Silva Nunes. Orgânica do Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense e do Movimento pela Saúde dos Povos, Belém-Pará-Brasil. Email: [martagianetorres@gmail.com](mailto:martagianetorres@gmail.com).

<sup>2</sup> Pesquisadora na área da Educação Escolar Quilombola, licenciada em Licenciatura Integrada e graduanda em Educação Escolar Quilombola. Sua atuação tem foco na discussão sobre racismo estrutural, políticas públicas, saberes tradicionais quilombolas e as questões étnico-raciais. Atualmente, desenvolve pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (Museu Paraense Emílio Goeldi), investigando a Educação Escolar Quilombola no Município de Abaetetuba.. Belém-Pará-Brasil. Email [mauesflaviana@gmail.com](mailto:mauesflaviana@gmail.com).

<sup>3</sup> Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará. Atualmente, trabalha na Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade e desenvolve pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural no Museu Paraense Emílio Goeldi, onde pesquisa as plantas de Legba na tradição do candomblé Jeje Savalu do Pará. Belém-Pará-Brasil. Email: [huinysilva@gmail.com](mailto:huinysilva@gmail.com).

<sup>4</sup> Mulher preta Quilombola pertencente ao quilombo Moju Miri - AQMOMI. Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA/UFPA, com ênfase para a Educação Escolar Quilombola - PPGSA/UFPA. Graduada em teologia pela Faculdade Teológica do Estado do Pará (2009) e licenciatura plena em Pedagogia pela Faculdade Latino Americana de Educação (2010). É graduada em Letras Libras - UFPA. Especialista em Educação do Campo em Psicopedagogia e Educação para as Relações Étnico Raciais pelo Instituto Federal do Pará - IFPA. Integrante do coletivo AQUILOMBAR/UFPA. Participante do Projeto material didático Educação Escolar Quilombola. Coordenadora do Coletivo Marias do quilombo Moju Miri. Voluntária na Malungu. Prestadora de serviço para a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos, Belém-Pará-Brasil. Email: [Andreagiselli2903@gmail.com](mailto:Andreagiselli2903@gmail.com).

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão entrelaçada entre a escrevivência e o bem viver, articulando relatos de vida de quatro mulheres negras que envolvem questões sobre saúde pública, educação e religião. Objetiva analisar, a partir das escrevivências do grupo, como diferentes experiências cotidianas revelam dimensões do bem viver e evidenciam os impactos do racismo, da intolerância religiosa, das violências simbólicas e institucionais da precariedade em áreas como saúde e educação, e apontar possíveis caminhos para a reconstrução do bem viver. Trata-se de uma escrita de denúncia que evidencia as violências enfrentadas por comunidades marginalizadas com o foco nas implicações de políticas práticas nas dimensões da experiência social, que surgiu a partir de uma proposta no âmbito de determinada disciplina de Mestrado/Doutorado em Sociologia e Antropologia. Neste artigo, aplica-se a Escrevivência de Conceição Evaristo como método para registrar e narrar vivências que problematizam experiências individuais e coletivas, possibilitando a reflexão crítica sobre questões sociais, culturais e comunitárias, nas quais são analisadas criticamente questões estruturais como racismo, invisibilidade social, intolerância religiosa e outras formas de opressão. Ao final, conclui-se trazendo uma argumentação sobre bem viver a partir das experiências corporificadas, que vão além de simples relatos, configurando-se como formas de denúncia, de ativação da memória e processos de cura.

**Palavras-chave:** Bem viver; Saúde; Educação; Religião; Narrativas vividas.

**RESUMEN:** Este artículo propone una reflexión entrelazada entre la escrevivencia y el Buen Vivir, articulando relatos de vida de cuatro mujeres negras que abordan cuestiones de salud pública, educación y religión. El objetivo es analizar, a partir de las escrevivencias del grupo, cómo diferentes experiencias cotidianas revelan dimensiones del Buen Vivir y evidencian los impactos del racismo, la intolerancia religiosa, las violencias simbólicas e institucionales, y la precariedad en áreas como la salud y la educación. También busca señalar posibles caminos para la reconstrucción del Buen Vivir. Se trata de una escritura de denuncia que evidencia las violencias que enfrentan las comunidades marginalizadas, enfocándose en las implicaciones de políticas prácticas en las dimensiones de la experiencia social. El texto surgió a partir de una propuesta en el ámbito de una disciplina de Maestría/Doctorado en Sociología y Antropología. En este artículo, se aplica la Escrevivencia de Conceição Evaristo como método para registrar y narrar vivencias que problematizan experiencias individuales y colectivas, permitiendo la reflexión crítica sobre cuestiones sociales, culturales y comunitarias, en las cuales se analizan críticamente cuestiones estructurales como el racismo, la invisibilidad social, la intolerancia religiosa y otras formas de opresión. Al final, se concluye con una argumentación sobre el Buen Vivir a partir de las experiencias corporificadas, que van más allá de simples relatos, configurándose como formas de denuncia, de activación de la memoria y procesos de sanación.

**Palabras clave:** Buen Vivir; Salud; Educación; Religión; Narrativas vividas.

**ABSTRACT:** This article proposes an intertwined reflection between escrevivência and Well-Being, articulating life stories of four Black women that involve issues of public health, education, and religion. It aims to analyze, based

on the group's escrevivências, how different daily experiences reveal dimensions of Well-Being and highlight the impacts of racism, religious intolerance, symbolic and institutional violence, and precariousness in areas such as health and education, as well as to point out possible paths for the reconstruction of Well-Being. This is a writing of denunciation that reveals the violence faced by marginalized communities, focusing on the implications of practical policies on the dimensions of social experience. The text originated from a proposal within a Master's/Ph.D. course in Sociology and Anthropology. In this article, Conceição Evaristo's Escrevivência is applied as a method to register and narrate lived experiences that problematize individual and collective experiences, enabling critical reflection on social, cultural, and community issues. In this analysis, structural issues such as racism, social invisibility, religious intolerance, and other forms of oppression are critically examined. The article concludes by presenting an argument about Well-Being based on embodied experiences, which go beyond simple accounts, configuring themselves as forms of denunciation, memory activation, and healing processes.

**Keywords:** Well-Being; Health; Education; Religion; Lived narratives.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (Conceição Evaristo).

Este artigo nasce das reflexões construídas no âmbito da disciplina “Escrevivências e letramento acadêmico contracolonial<sup>5</sup>” (Dos Santos; Pereira, 2023), que discutiu fundamentos, percepções e perspectivas sobre o bem viver. Assim, essa escrita propõe uma reflexão sensível sobre temas sociais que atravessam nossas vivências, os quais influenciam diretamente nas formas de estar e viver no mundo. Nesse contexto, destacamos que nossa escrita, em sua totalidade, é atravessada por questões amplas que incidem sobre nossos percursos, sejam eles no contexto acadêmico e não acadêmico, as que reverberam em nossa existência e estrutura de vida. Por conta disso, há a urgência em se debater sobre essas demandas sistêmicas que estão em torno dos fundamentos que estruturam a integralidade da nossa existência.

Através da disciplina Escrevivências e Letramento Acadêmico e as leituras dos textos trazidos para a orientação das aulas, dialogamos sobre a valorização da oralidade, das tradições, dos saberes ancestrais e do relacionamento com a natureza como o banho de rio e a

<sup>5</sup> Nas palavras simples e ideias complexas de Nego Bispo, contracolonialismo “é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo”.

alimentação tradicional e outras experiências que contribuem para uma convivência harmoniosa e de resistência, reforçando a identidade e o sentimento de pertencimento de mulheres quilombolas e não quilombolas. O enfoque na valorização da cultura e dos territórios que aqui são os nossos corpos, como fontes de afeto, solidariedade e resistência social apontando para uma concepção de “bem viver” (Acosta, 2019) algo que está relacionado à preservação de nossas raízes culturais, e ao fortalecimento comunitário, ao reconhecimento de nossas próprias formas de vida, contrariam às imposições e ao racismo estrutural. Assim, o “bem viver” é entendido como a experiência de uma vida digna, conectada às suas histórias, práticas e valores tradicionais, fomentando o respeito mútuo e a autonomia comunitária, o qual também é valorização a cultura, a ancestralidade e as vivências quilombolas como elementos essenciais para uma existência plena e coletiva.

Trata-se de uma proposta que visa tecer uma escrita situada nas vivências e na escrita em grupo, discussões que envolvam os campos interesse de cada pesquisadora, relacionando-as com o bem viver, compreendido aqui como uma forma de existir que se opõe ao modelo capitalista, individualista e destrutivo. Nesse sentido, o bem viver não se coloca como apenas uma ideia de qualidade de vida individual, mas sim como um projeto coletivo e relacional de existência, baseado em vários valores ligados à terra, ao alimento, à memória e à dignidade.

Por essa razão, partirmos da escrevivência, termo proposto por Conceição Evaristo para nomear a escrita que emerge das experiências vividas por sujeitos historicamente marginalizados. Portanto, essas escrevivências surgem a partir das compreensões e debates dentro de sala aula e das experiências de vida das autoras, as quais revelam resistências e reivindicações que buscam construir um diálogo entre o campo da saúde, educação e religião lançando luz sobre as maneiras de como o bem viver se apresenta enquanto possibilidade de justiça social e dignidade para as populações negras, indígenas, quilombolas e periféricas no Brasil.

Conceição Evaristo nos traz a importância da oralidade e da escrevivência como formas de resistência, afirmação da identidade e preservação da cultura quilombola. A autora é uma referência que valoriza a oralidade como raiz da ancestralidade, reconhecendo-a como um caminho de conexão com a história, os saberes tradicionais e as vivências dos povos africanos e seus descendentes (Duarte; Côrtes; Pereira, 2016). Evaristo propõe que a escrevivência seja uma prática pedagógica e metodológica que permite às autoras e autores negras e negros e não negros a expressar a sua realidade, suas experiências de vida, suas

memórias e identidades, utilizando a escrita como ferramenta de empoderamento. Essa prática valoriza a narrativa oral, a linguagem própria e promove o protagonismo dos sujeitos na construção do próprio destino, fortalecendo o sentimento de pertencimento e de resistência cultural. Conceição Evaristo também reafirma a identidade de pessoas negras e afro-brasileiras, celebrando suas raízes, reconhecendo a importância da ancestralidade e a reflexão sobre as formas de opressão racista.

Neste sentido, a escrevivência busca proporcionar uma narrativa coletiva e individual que valorize a história de vida, as vivências, os saberes promovendo o empoderamento por meio da produção de textos que expressem suas próprias vozes e realidades. Diferente de uma abordagem clássica da escrita, a escrevivência enfatiza o caráter subjetivo, intersubjetivo e político do processo de escrita, articulando memória, história de vida e cultura com uma perspectiva de resistência às opressões racistas e à marginalização social. Ela valoriza a oralidade como raiz da tradição cultural, e a escrita como uma extensão dessa oralidade, promovendo a difusão de saberes, o reconhecimento social e o fortalecimento das identidades coletivas. A escrevivência também está relacionada à ideia de que o ato de narrar as próprias histórias, assim, serve como instrumento de valorização e reconstrução de identidades culturais e é uma ferramenta de combate ao racismo e à colonialidade do conhecimento.

Assim, este texto também evidencia alguns dos problemas sociais, ambientais e humanitários na Amazônia. Entre os problemas sociais, destacam-se o racismo estrutural, a exclusão social, a dificuldade de acesso à educação superior e os desafios enfrentados por mulheres quilombolas e não quilombolas na inserção no ensino formal e no mercado de trabalho, além do deslocamento para cidade para continuar os estudos, o que pode provocar perda de conexões culturais e territoriais. No âmbito ambiental, vivemos em meio a ameaça à biodiversidade, às formas de cultivo tradicionais e ao manejo sustentável dos recursos naturais, que são essenciais para a preservação do ecossistema amazônico.

Considerando as resistências e reivindicações ao enraizamento de práticas de justiça social frente às, ameaças de exploração predatória e de políticas neoliberais que atingem os territórios, temos como objetivo principal analisar, a partir das escrevivências do grupo, como diferentes experiências cotidianas revelam dimensões do bem viver e evidenciam os impactos do racismo, da intolerância religiosa, das violências simbólicas e institucionais, bem como da precariedade em áreas como saúde e educação, apontando possíveis caminhos para a reconstrução do bem viver.

## 1.1 METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste artigo é a Escrevivência de Conceição Evaristo, nela a escritora pensa o mundo a partir da sua própria lente, utilizando as suas experiências de vida não apenas para escrever sobre si mas também para criar uma realidade (mesmo que fictícia) onde ela, enquanto mulher negra, pode vencer e realizar todas as suas potências. As autoras constituem um grupo, formado por Andrea Cardoso, Flaviana Maués, Huiny Monteiro e Marta Giane Torres, que se constituiu na disciplina optativa Escrevivências e Letramentos Acadêmicos ofertada no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) sob a coordenação do professor Rodrigo Peixoto. Na oportunidade, o professor sugeriu que a turma se organizasse espontaneamente para a escrita do artigo, tendo em vista assuntos em comum e afinidades. Após a formação do grupo, decidimos realizar uma videochamada para darmos continuidade a nossa conversa em horário posterior às aulas e assim estreitar os laços (Figura 01), nos aprofundando em conhecer melhor umas às outras e nossas vidas pessoais. Em comum acordo, o grupo decidiu que utilizaremos nossas histórias a partir do tema guarda-chuva chamado “Saúde, educação e religião” para pensar nossas realidades, pois após a conversa, as três palavras são as que mais representam o grupo e sua diversidade. As escrevivências pessoais terão subtítulos escolhidos por cada autora, mas todas irão abordar a temática central.

Figura I: I reunião das escrevientes em videochamada, lado a lado Marta Giane Torres e Andréa Cardoso, Flaviana Maués e Huiny Silva, Belém/Pará, 2025.



Fonte: Autoras, registro fotográfico print de vídeo chamada pelo aplicativo Whatsapp, 2025.

A fim de dar um sentido coletivo às nossas escrevivências individuais, decidimos que elas seguirão um “roteiro” de perguntas (Quem é você? O que é bem viver para você? Quais imagens/fotos demonstram o que é o seu bem viver, quais fotos você escolheria? Como a sua

história de vida conversa com o tema guarda-chuva, e com as outras escrevivências do grupo?) para que todas conversem com a temática central e não fujam do propósito definido pelo grupo. Além disso, pensando em evitar uma escrita que trate apenas das nossas dores e mazelas, decidimos que o bem viver será utilizado como forma de dar e celebrar nossas potências enquanto mulheres negras. Assim, nossos olhos d'água serão abordados como perspectivas de esperança em um futuro melhor para nós e nossas comunidades (Evaristo, 2014). Assim, para dar visualidade (e de certa forma, materialidade) a essas gotas de esperança, alguma escrevivência individual poderá conter fotos que representam nossas perspectivas de bem viver.

## 2. ESCREVIVÊNCIAS INDIVIDUAIS

### 2.1 Escrevivência e militância

Andréa Cardoso Cardoso

Eu sou Andrea Cardoso e Cardoso, mulher preta, quilombola, professora, acadêmica e ativista que atua em projetos de educação e resistência na comunidade quilombola de Moju Miri, no Moju/ Pará. Filha de André Cardoso e Bernardina Moraes, mãe de três filhos e avó de três netos. Busco promover o reconhecimento das culturas quilombolas, defendendo a valorização das identidades afro-brasileiras e construindo diálogos interculturais, especialmente entre comunidades quilombolas e movimentos religiosos. Minha trajetória inclui desafios acadêmicos e sociais, além de uma forte postura de militância pela educação de reexistência, autonomia cultural e contra o racismo, articulando minhas experiências de vida, história familiar e ações educativas em uma perspectiva de resistência e transformação social, defendendo uma educação étnico-racial e antirracista nas escolas quilombolas de Moju, destacando a importância de valorizar e incorporar os saberes tradicionais das comunidades afrodescendentes, reconhecendo suas identidades culturais e históricas no currículo escolar. Eu acredito que essa abordagem é fundamental para promover o resgate da cultura quilombola, combater o racismo estrutural e fortalecer a autoestima dos estudantes, garantindo que a educação seja um espaço de resistência e afirmação de nossas raízes afro-brasileiras. Discuto a necessidade de uma pedagogia que dialogue com os conhecimentos

tradicionais e valorize a diversidade cultural, promovendo uma educação que seja emancipadora e promotora de justiça social.

Trago nas minhas escritas lutas e dores de forma profunda e subjetiva, evidenciando um percurso marcado por resistência, dificuldades e sofrimento, mas também por esperança e perseverança. Desde a infância, enfrento a negação de direitos e o silenciamento, especialmente por ser mulher preta em uma comunidade quilombola. Minha trajetória de vida inclui enfrentamentos, a dificuldade de acesso à educação e o machismo, além das limitações impostas pelo racismo cotidiano, por exemplo, precisei sair de casa cedo, pedalando longas distâncias e lidando com o medo, para conseguir estudar, muitas vezes enfrentando insensibilidade de instituições financeiras e políticas públicas. A maternidade precoce também foi uma experiência que, embora tenha limitado minhas possibilidades, não me fez desistir de lutar, minha narrativa revela a luta constante contra o racismo, o machismo e as dificuldades de acesso à educação formal de qualidade, além das adversidades relativas às condições de vida na comunidade quilombola. E todos esses anos de luta foram marcados por resistência, enfrentamento de muitas dificuldades, mas também por um processo de aprendizagem e fortalecimento, o que me motiva a seguir em frente e a utilizar a minha história como uma fonte de inspiração para ações de militância e de emancipação, ajudando os meus a conquistar seus direitos e a valorizar suas identidades.

Venho compartilhar a minha experiência como professora e dizer que foi um percurso marcado por desafios, aprendizado e ressignificação, minhas práticas pedagógicas foram construídas a partir da vivência diária na escola, onde o contato contínuo com a realidade e as relações com os alunos me permitiram a produção de saberes situados e engajados, me lembro que, no início de minha trajetória, enfrentei dificuldades, como a reprovação no primeiro estágio, o que me levou a refletir sobre a prática docente e entender que a educação é um processo de formação contínua. Isso me motivou a perseverar e a perceber que a atuação não se limita ao cumprimento de horas, mas é um momento de crescimento e contribuição social. Atualmente as minhas práticas pedagógicas são fundamentadas na valorização de memórias, experiências pessoais e culturais, buscando trazer para a sala de aula elementos que dialoguem com as vivências dos estudantes, especialmente numa perspectiva de valorização das culturas quilombolas e negras. Busco, assim, promover uma educação que vá além do conteudismo, considerando as experiências de vida e construindo um diálogo crítico com os alunos, fortalecendo suas identidades e a consciência social.

Minha trajetória como professora é uma soma de experiências dolorosas, mas também de aprendizados importantes, que contribuíram para meu amadurecimento pedagógico. Essas experiências me fizeram compreender que a docência implica uma constante reflexão, adaptação e diálogo, com o objetivo de transformar a realidade dos estudantes e promover um ensino mais justo e acolhedor. Trago como conceito de bem viver uma compreensão que integra a valorização de valores ancestrais quilombolas, o reconhecimento da cultura, a resistência às formas de colonialidade e racismo, e busco por um convívio intercultural que respeite as identidades e cosmologias tradicionais. Pra mim, o bem viver está ligado à preservação da memória, da ancestralidade e das práticas culturais que formam a identidade quilombola, resistindo às influências colonizadoras e neopentecostais que muitas vezes marginalizam essas manifestações. O bem viver também envolve a valorização dos saberes tradicionais, o banho de cheiro, a parteira, e benzedeira e a continuidade das relações comunitárias e espirituais, o contato com a natureza, o tomar banho no rio, no igarapé e um esforço de diálogo intercultural que possibilite a afirmação da autonomia e do protagonismo quilombola frente às tentativas de homogeneização cultural e racista, assim, o bem viver, é uma forma de existência que reforça a resistência cultural e fortalece os vínculos sociais e espirituais do meu povo, da minha comunidade.

Trago a escrevivência como uma prática de resistência e de construção de identidade, inspirada na perspectiva de Conceição Evaristo, que combina a oralidade, o relato autobiográfico e a elaboração de narrativas que refletem as experiências de vida, especialmente as de mulheres negras e periféricas. Nesse sentido, a escrevivência é vista como uma forma de contar histórias de si, de maneira subjetiva e autêntica, preservando memórias, sentimentos e trajetórias que muitas vezes são silenciadas ou marginalizadas pelos discursos hegemônicos. Conceição Evaristo constrói suas narrativas a partir da oralidade, utilizando uma linguagem que expressa o afeto e a presença no mundo, além de registrar os acontecimentos do cotidiano com um olhar sensível e de resistência às opressões de gênero, raça e classe. A escrevivência, segundo ela, é uma ferramenta de expressão que valoriza a memória, o sentimento e a cultura de quem vive processos de subalternidade, permitindo que esses sujeitos reivindiquem sua voz, suas histórias e sua autonomia. Assim, a partir de Conceição Evaristo, comprehendo a escrevivência como um modo de narrar e refletir sobre a própria vida, fortalecendo identidades e contribuindo para o processo de descolonização do saber, ao mesmo tempo em que preserva e valoriza as culturas negras e periféricas.

A escrevivência na universidade, no mestrado, no doutorado e na militância é de fundamental importância para mim, pois constitui uma prática de resistência, afirmação de identidade e produção de conhecimento situado e engajado. Minha trajetória combina com a história de vida como mulher negra, quilombola e militante, com as experiências acadêmicas, permitindo que a minha narrativa seja um espaço de afirmação de nossas identidades, valores e lutas contra o racismo e o colonialismo. Neste lugar, posso visualizar a presença de mulheres pretas e quilombolas, defendendo a ideia de que esses espaços também são nossos, como afirmado por Conceição Evaristo. Essa presença é vista como uma potência de transformação, capaz de alterar currículos, métodos e referências acadêmicas tradicionais, produzidas a partir de experiências de vida específicas e de resistência cultural. Nesse sentido, minha escrevivência também serve como uma forma de reivindicar o reconhecimento dos meus, das minhas e de suas vivências, fortalecendo a relação entre nossas experiências pessoais, culturais e políticas. Acredito que, a narrativa de vida é uma ferramenta poderosa para evidenciar nossas trajetórias de superação, resistência e luta por direitos, promovendo uma produção de conhecimento que desafia os paradigmas tradicionais e valoriza saberes de origem popular e de comunidades marginalizadas. Para mim, essa prática é essencial para fortalecer minha identidade enquanto mulher negra, quilombola, militante e professora, ajuda a resistir às opressões, reafirmar a cultura e promover uma educação e um ativismo engajados com a realidade, contribuindo para a luta por uma sociedade mais justa e equitativa.

A minha proximidade com o conceito de “bem viver” ao incorporar valores de ancestralidade, cultura afro-quilombola e uma ética de resistência e reforço da identidade coletiva, significa construir uma vida em harmonia com as minhas raízes, promovendo a interculturalidade, o respeito à cultura quilombola e a valorização da oralidade e das memórias como formas de resistência cultural. A narrativa que trago evidencia uma busca por autonomia, reconhecimento e protagonismo social, que estão alinhados com a ideia de “bem viver” como um estado de equilíbrio, harmonia com a minha comunidade e afirmação da identidade cultural. Por outro lado, a distância se manifesta na luta constante contra o racismo, a opressão e o epistemicídio, que tentam silenciar e marginalizar as experiências quilombolas. Eu reconheço os desafios de uma educação eurocêntrica e do preconceito institucional que dificultam a concretização plena do “bem viver”. Assim, minha trajetória de resistência evidencia uma aproximação, ainda que atravessada por obstáculos, com o conceito de “bem viver” enquanto um horizonte de reconhecimento, equidade e valorização cultural.

## 2.2 Começo, meio-começo: Escrevivência de quem ficou

Flaviana Maués

Eu sou filha do território quilombola chamado Itacuruçá. Neta de Raimundo Dilo e Josefa Diogo. Nasci e fui criada perto do rio vendo as correntezas das marés. Cresci vendo meu avô dançar sozinho na sala à espera do seu mingau de açaí chegar. Mas era no fim das tardes que ele desatava os nós da memória. Contava histórias. Disse-nos que estudou pouco e para chegar no lugar onde aconteciam as aulas, precisava de um “trato” com os colegas, uma travessia partilhada em troca de um naco de comida. Os que ofereciam lugar nas suas montarias, eram os mesmos que comiam do seu alimento, quase sempre peixe seco com farinha. Mas eram também os mesmos que, ao comerem, deixavam ele sem nada. Ao retornar, voltava a trabalhar de novo: era preciso garantir o lanche do dia seguinte. O escambo do saber começava na barriga e terminava no caderno.

Suas histórias me ensinaram a escutar. Seus ensinamentos me ensinaram a esperar. Sua luta diária me ensinou a respeitar minha ancestralidade. Seu saber me transmitiu o jeito de plantar, colher e preparar. Com ele, aprendi que viver no quilombo é mais que existir, é permanecer. Pois meu avô não falava de sabedoria, ele era a sabedoria. Foi ao lado dele que aprendi que quilombo é feito de tempo, de memória, de silêncio, de partilha. E é isso que hoje carrego em mim como herança e como raiz.

Minha escrevivência é feita dessas lembranças que não estão nos livros, mas que se encontram no que eu aprendi no quilombo. Por isso escrevo a partir do que vivi, não para minha vivência, mas para não esquecer. Essa escrita é única porque ela expõe um lado cruel da história, o lado da negligência. Dezenas de pessoas negras quilombolas, assim como meu avô, não desfrutaram do privilégio de estudar, por isso dizia: “Estudem para serem melhores”. Infelizmente, eu nunca soube exatamente o que era esse “melhor” que tanto desejavam para nós. Talvez esse sentimento viesse de uma culpa por acharem que lhes faltava algo. Mas eles tinham tudo: o saber da terra, do rio e da vida. A culpa não era deles, era do mundo que nunca soube ler os nossos saberes. E talvez meu avô nem tivesse consciência disso, pois era ele que colocava o melhor na mesa. Mesmo quando faltava tudo e restava apenas o mingau de farinha com sal. Nas manhãs, era o primeiro a se levantar em busca de um punhado de comida. Dívida essa que eu nunca consegui pagar.

Isso também é bem viver para mim, conhecer o rio, a terra e estar em harmonia com a natureza. Foi isso que me ensinaram a valorizar e a conhecer o bem viver que existia no quilombo, no rio, no roçado, nas coisas simples. Ninguém planta sem conhecer o solo, a época ideal, a semente ou raiz a ser plantada. Ninguém mora no rio sem conhecer as marés, sem saber nadar e remar e sem planejar as construções das casas. Tudo isso, melhora a vida. No entanto, não é novidade que a água nos faz sentir bem, mas agora pesquisas apontam que a vida perto do rio reduz o nível de estresse, associado a níveis mais baixos de sofrimento psicológico. Em uma sociedade que está adoecida psicologicamente, se isso não for bem viver, o que mais poderia ser?

No entanto, este bem viver está ameaçado de extinção e são vários fatores que contribuem para este fim. Temos como exemplo as grandes empresas que destroem nossa terra, poluem nossos rios, matam nossos peixes e invadem nossos territórios. Hoje em dia, nossas crianças não podem mais banhar por conta dos altos índices de alumínio nas nossas águas. Isso mostra, o quanto nosso bem viver está sob ameaça em todos os níveis de existência de vida quilombola.

Por outro lado, acredito que educação, assim como meu avô acreditava, é capaz de trazer o fortalecimento das condições de existências em territórios quilombolas. Não se trata no entanto de uma mera escolarização onde só se aprende os códigos da língua escrita, mas um processo educativo que pode despertar a memória, a ancestralidade e que acima de tudo nos auxiliem na defesa dos nossos modos de vida. Digo que não queremos apenas escolarização, porque esse tipo de ensino se perpetua por muito tempo, o qual é raso, limitado, simplista que não estimula o pensamento crítico, não contribui para a proteção de nossos rios e de nossa herança cultural. Na verdade, o que lembro dessa educação escolar tradicional é apenas dor.

E foi assim que fui me constituindo como gente, de um lado experimentando as formas mais cruéis do racismo e afirmo, a escola contribui para reprodução desse racismo. Ou seja, o quilombo que me ensinou a viver, a ouvir o barulho da chuva no telhado, a remar contra a maré, a tomar banho de rio, a escolher o melhor lugar para brincar, a escutar as melhores histórias, a reunir irmãos e primos no clarão da lamparina para jogar conversa fora. Mas foi na escola que eu tive as primeiras experiências de preconceitos e foram as que mais doeram e que até hoje doem.

Essas lembranças da escola não me deixam. Elas insistem em ficar e se manifestam sempre atrás de choro engasgado na minha garganta. Mas acredito que cada narrativa da

realidade é também uma narrativa de resistência, mesmo aquelas repletas de dor. Pois não escrevemos sobre as dores vividas a fim de romantizá-las, mas para deixá-las em linhas, porque o nosso silêncio também grita. Por isso escrevo. Porque palavras escritas também curam.

A cor tem o poder de marcar. Quem um dia já foi marcado, jamais conseguirá esquecer. Mas cada um aprende a lidar com dor de forma diferente. Eu aprendi no chão do território e no clarão da lamparina ouvindo as histórias do meu avô. Foi o quilombo que me ensinou a viver, e foi com meu avô que aprendi a olhar ao meu redor com outros olhos e a questionar o mundo.

Nesse sentido, em minha concepção, o bem viver está relacionado à vivência coletiva, à harmonia com a natureza e ao reconhecimento dos saberes ancestrais. Mas para além disso, bem viver para mim também é desfrutar de uma educação ética e plural dentro quilombos, a qual respeite as diferenças e reconheça as especificidades históricas de cada um, independentemente da cor, traços e status econômico, que combata o racismo e acolha a diversidade de existência. Não apenas como uma forma de valorização, mas também como um ato contracolonial (Dos Santos; Pereira, 2023), que disponha de um olhar crítico sobre o mundo e sobre as forças que ainda nos oprimem. É preciso, no entanto, partir da realidade, da vida e da história coletiva, a fim de transformar isso em instrumento de emancipação.

O que significa, afinal, bem viver? Em vez de conceituá-lo com uma definição fixa, convido a todos a imaginar uma expressão viva de infância, liberdade e pertencimento ao território. Nela, vemos três crianças negras brincando dentro de um casco, pintado de azul e vermelho, à beira de um rio cercado por árvores. A água toca a margem, e a vegetação verde, densa e vibrante, revela que estamos em um território ribeirinho quilombola amazônico (Figura 02).

As crianças estão com os corpos livres, sem nenhuma formalidades urbanas, em contato direto com a natureza. Uma delas rema com firmeza, outra observa, e a terceira sorri para quem tira a foto. Esse sorriso, voltado para a câmera, carrega uma alegria simples e poderosa de quem vive a infância em seu próprio tempo e território, cercada por rio, floresta e vínculos afetivos. Ao fundo, vemos casas de madeira quase escondidas entre as folhas. O céu limpo completa a imagem de vida em comunhão com o ambiente, onde o brincar não é apenas lazer, mas forma de conhecimento de se pertencer ao lugar.

Figura II: Crianças brincando de casco.



Fonte: Autora, Flaviana Maués, 2025.

Figura III: Criança quilombola escrevendo.



Fonte: Autora, Flaviana Maués, 2025.

Em seguida, vemos uma criança negra deitada no chão de madeira de uma casa ribeirinha, próxima à porta aberta que dá vista para o rio. A luz natural entra suavemente pelo vão da porta e da janela, iluminando seu rosto e o seu caderno onde escreve com concentração. Há uma mochila escolar ao lado, e a criança está em um momento de aprendizagem espontânea, em casa, em seu território, com o corpo livre e em contato com o ambiente (Figura 03).

Ao fundo, o rio, as árvores e outra pessoa em movimento constroem o cenário vivo e comunitário. A casa é de madeira, simples, típica das comunidades quilombolas ribeirinhas. A cena expressa tranquilidade, enraizamento, mas também força e beleza do aprendizado que se dá fora da escola formal, conectado com os saberes locais, o ambiente e a vida. Essa imagem pode ser lida como um manifesto silencioso de bem viver, onde a educação acontece em harmonia com o território, com autonomia, afetividade e presença. Uma cena de resistência.

É por isso, ou melhor, a partir disso que a minha escrevivência se costura com o território, com os modos de vida quilombola, com a coletividade vivida nos quilombos. Uma educação que não nos negue nada, mas pelo contrário aquela que foi feita para nós, pensada a partir da nossa visão de mundo, do nosso chão, dos nossos saberes, da nossa história.

Em outras concepções, o Bem Viver talvez seja outra coisa. Mas para mim, enquanto mulher negra, quilombola, professora, o que importa é uma educação que não nos colonize, mas que nos respeite, que caminhe ao nosso lado, que nos ajude a lutar contra o sistema, contra o poder, contra a colonialidade. Uma educação que reconheça que nossos saberes também são ciência, também são filosofia, também são futuros.

## 2.3 Contra excepcionalidades individuais

Huiny Silva Monteiro

Minha escrevivência parte de um lugar coletivo, é a história de muitos que vieram antes de mim e que compartilham o ímpeto de viver, não apenas sobreviver, mas viver bem.

Eu sou Huiny Silva Monteiro, nasci e cresci na periferia de Belém do Pará, lugar onde a vi e vivi muitas violências, mas também onde construí a minha identidade com a influência de pessoas únicas, boas demais para ocupar o lugar nesse texto somente como pessoas da periferia. Minha família, assim como várias outras de Belém, veio do interior do Estado para a capital em busca de melhores condições de vida. Minha mãe, por exemplo, nasceu em Viseu, um município localizado no nordeste paraense que faz limite com o Estado do Maranhão. Ela começou a trabalhar aos oito anos de idade quando veio para a capital para “morar e trabalhar” na casa de seus “patrões”. Hoje minha mãe sabe o nome que damos a isso que ela viveu, em conversa ela disse “na verdade, fui escrava né...” antes do silêncio romper e ecoar como um zunido na minha cabeça. Foi a primeira vez que ela me contou essa história com palavras tão cruas.

Ela se chama Maria e me deu à luz aos 19 anos, e longe de resumir a vida dela a minha existência, é uma mãe dedicada e me criou sozinha enquanto dava duro para garantir a nossa sobrevivência, como muitas outras brasileiras. Seria facilmente uma personagem nas histórias de Conceição. Após conseguir finalizar o ensino médio se dedicou a trabalhar pois era o que sabia fazer, sempre foi uma mulher muito trabalhadora e muito boa em matemática apesar de se achar incapaz de continuar os estudos. Costumo dizer que minha mãe é a combinação perfeita de força e docura, como diz Betânia “água arrepiada pelo vento”, como se Oxum e Oyá se misturassem em um uma mulher de pele marrom queimada de sol. Sempre se esforçando muito para dar o melhor e não demonstrar nenhuma fraqueza. Hoje aos 27 anos, comprehendo as fragilidades e defeitos que ela tenta esconder, e acolho as suas dores silenciosas.

Escrever pra mim é como terapia, já fazia isso antes de ter a experiência de conversar com uma psicóloga e nem sabia do seu poder terapêutico. Assim como Conceição Evaristo, escrever pra mim é sangrar e confesso que sempre choro ao escrever. Escrever funciona mais que falar pois me expresso melhor na escrita, e acredito que isso seja propriedade de quem pensa muito e gosta de escolher as palavras certas para comunicar. Se é que existem palavras certas.

Minha vida enquanto pessoa que cresceu nas baixadas de Belém é marcada por uma preocupação constante com as violências cotidianas (assaltos, violências contra a mulher, conflito entre milícias e o tráfico), com os prejuízos que as chuvas podem causar nas ruas e concomitantemente com uma vontade enorme de melhorar de vida. Então, fui muito incentivada a estudar, mesmo quando o que eu queria era estar trabalhando e ajudando a minha família nas contas de casa. Lembro quando estava na metade da graduação em Biologia na federal e minha mãe foi demitida do seu emprego e eu estava decidida a trancar o curso para ajudar minha família. Minha mãe disse que não, pois a minha única forma de ajudar ela seria continuar a estudar e chegar em lugares onde ela não teve a oportunidade de alcançar.

Ouvi de meus professores que a educação é a única coisa que ninguém tira da gente e como uma pessoa que vive em constante alerta, me dediquei ao máximo aos meus estudos. Tanto que talvez tenha me excedido e ultrapassado meus próprios limites, afinal ninguém te ensina a estar na universidade, principalmente quando você é a primeira pessoa da família a ocupar essa posição.

Finalizei minha graduação pouco antes da pandemia, pra ser mais exata apresentei o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma semana antes do lockdown imposto pela covid-19. Com isso, minha saúde psicológica foi de mal a pior, somatizei todos esses problemas no meu próprio corpo e uma doença que tive na minha infância teve seu estopim e retornou, foram anos tentando um tratamento adequado, mas sem sucesso, até que depois de todas as tentativas médicas busquei refúgio na minha própria história de vida e me recordei da minha infância em que convivi com minha Bisavó. Ela foi uma grande benzedeira no bairro do Guamá, era uma mulher grande e muito braba aparentemente, mas sempre tinha boas palavras para nos oferecer.

Minha doença se chama dermatite atópica e minha condição é considerada grave, pois mais de 80% do meu corpo está comprometido e afeta minha rotina básica como uma pessoa comum e funcional. Em 2024 foi o ápice da minha piora, a ponto de eu achar que era o fim da minha vida, um lugar muito sombrio de se encontrar. Penso que a espiritualidade me salvou pois a partir do momento que compreendi seu papel em meu caminho eles me deram todo o suporte para viver o duro processo de adoecimento longe da culpa cristã, botaram em meu caminho uma equipe de profissionais específicos do Sistema Único de Saúde (SUS) para cuidar de mim, com cuidados que vão além de anamneses no ambulatório, existe muita empatia e atenção. Em meu terreiro também consegui ter uma outra perspectiva sobretudo e principalmente sobre minha trajetória. Nos ebós, passes e banhos encontrei conforto e

principalmente alívio para minhas dores psicológicas e físicas, me ensinaram que a vida é além e independente da doença e que não se deve temer a morte pois ela faz parte da vida, seja a morte simbólica ou física.

No presente momento, preciso de uma medicação específica que não está disponível ao público e só o governo do Estado pode liberar e custear essa medicação. Logo, minha perspectiva de bem viver gira em torno de uma qualidade de vida que seja plena, especificamente do acesso a essa medicação pois só ela vai me garantir uma vida adulta totalmente funcional e independente, com qualidade de vida a longo prazo. A vida não deveria ser apenas sobre sobreviver, mas sobre uma vida que dê conta dos nossos sonhos e expressões, que garanta um ambiente bom e saudável para nós e nossa comunidade.

Como filha de Oyá e protegida por Obaluaiê, acredito que a cura vem através do movimento e a exemplo de uma lagarta que corre e se prepara para metamorfose, estou nessa procura, esperando a próxima fase que há de vir, com novas asas, novas cores e novos vôos. E sei que, às vezes, só uma grande ventania pode sacudir as nossas vidas, pois em poucos meses, além de viver a busca por qualidade de vida e alívio para minhas dores, consegui realizar o sonho de ser nomeada em um concurso que passei anos estudando, finalizei um longo relacionamento amoroso com suas felicidades e tristezas, e consegui dar vazão ao meu lado artístico que tanto foi reprimido durante a minha infância.

Sinto que, de certa forma, venci e fiz com que minha mãe vencesse comigo também pois na minha luta individual consegui acessar lugares e sentimentos que ela não conseguiu e passou a vida trabalhando para que eu conseguisse.

*É vista quando há vento e grande vaga*

*Ela faz o ninho no rolar da fúria*

*E voa firme e certa feito bala*

*Às suas asas empresta à tempestade*

*Ela faz da insegurança a sua força*

*E do risco de morrer seu alimento*

*Por isso me parece imagem justa*

*Para quem vive e canta*

*No mal tempo*

Trecho da música “A dona do raio e do vento”.

É curioso e estranho pensar como o colonizador entra na nossa mente fazendo com que seja estranho nós mulheres negras celebrarmos as nossas vitórias e fazendo com que coletivamente essas vitórias sejam lidas como excepcionais ou mero caso de sorte. Esse lugar me gera grande desconforto. Conceição Evaristo, por exemplo, em fala no curso Arrebentação das Margens diz que não gosta de ser vista como excepcional pois este é um lugar muito perigoso de se estar, a excepcionalidade abriga em suas pequenas legendas no canto inferior da tela que só um(a) de nós pode vencer e atingir um reconhecimento, então para nós, negros brasileiros ela não serve pois precisamos engajar a vitória (o bem viver) de toda a nossa comunidade. Assim como todas as escrevivências são dignas, todos os bem víveres também o são.

## **2.4 A enfermagem e a promoção do bem viver: escrevivências da vida acadêmica à tese da racialização da AIDS**

Marta Giane Machado Torres

Sou uma enfermeira feminista ativista da saúde. Uma mulher negra de pele não retinta. Venho de uma infância marajoara. Sete filhos, moradia de favor, mãe costureira e pai fotógrafo, único retratista na nossa cidade naquela época. Circunstâncias como a de adoecimentos era submeter-se a humilhação para acessar atendimento médico que geralmente ocorria em raros dias do mês. A realidade sanitária em Cachoeira do Arari era de extremada precariedade. Aliás esta condição de penúria se estendia para toda a Ilha do Marajó<sup>6</sup> e ainda assim permanece. A cidade de Cachoeira do Arari encontra-se dentre as 12 sedes municipais (BRASIL, 2007) que compõem os 49 mil quilômetros quadrados da maior ilha fluviomarítima do mundo (cercada por rio e mar).

Toda a nossa vida seguiu o fluxo das águas entre a ilha e o continente em Belém. Quando os chás, ungüentos e rezas não davam conta de sanar nossos males, o clamor pela assistência médica tomava as nossas vidas. Muitas das vezes só era possível viajando para a capital, que implicava em mais submissões degradantes, pedir passagens na prefeitura, conseguir vale para transporte urbano e alimentação, ficávamos abrigados na casa de parentes, e mais favores para conseguir acessar um atendimento médico-hospitalar. Movimentação do

---

<sup>6</sup> A Ilha de Marajó é uma ilha costeira do tipo fluviomarítima situada na Área de Proteção Ambiental do arquipélago do Marajó, no estado do Pará, no Brasil.

âmbito de cuidados que me direcionava para os estudos na área da saúde. Tentei por duas vezes o vestibular para medicina, sem êxito. Aliás os estudos preparatórios para tamanha concorrência me eram inacessíveis. A rede pública de ensino não abarcava o conteúdo programático exigido para o pleito.

Concluí o terceiro ano num cursinho privado em Belém, que para pagar as mensalidades passava rifas, vendia bombons ou pedia contribuições em dinheiro na rua. Quando não conseguia a quantia suficiente, dava um jeito de modificar os números do mês de maneira que constasse no cartão de aprazamento que estava tudo certo com aquela mensalidade. Assim o porteiro me deixava participar das aulas tranquilamente. Neste tempo a enfermagem nunca fora referência de profissão para mim. No meu entendimento nossos males e dores, problemas dos quais muito afligiam nossa casa e vizinhança se resolveriam mediante acesso ao profissional médico.

Nesta época o sistema de saúde vigente era o INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social). Tempo em que pouca gente tinha acesso a atendimento, pois saúde não era considerada um direito de todo mundo. Os serviços públicos desta área eram restritos para os trabalhadores assalariados e seus dependentes. Então ao chegar em Belém ainda tinha a peregrinação para pegar emprestado o documento de alguém para acessar os serviços. Em 1987, na terceira tentativa de acessar o nível superior, adentro no curso de enfermagem de uma instituição pública, a Universidade Federal do Pará.

Entretanto, contrariando a alegria e boas expectativas nesta nova fase da vida acadêmica desde o primeiro momento, o não acolhimento foi a realidade no meio da enfermagem. Nada vinha ao encontro dos padrões lá estabelecidos. Ingressar no movimento estudantil acirrou os ânimos com a transcorrência no curso. A cada nova turma o CAENF (Centro Acadêmico de Enfermagem) recepcionava a calourada, dimensionando sobretudo a relevância social e política da prática e cuidados de enfermagem na Amazônia.

Dentre as tantas mobilizações acessamos livros provocadores para o CAENF, isto é, nada da linha de manuais e técnicas. Após intensos debates e convencimentos, adquirimos Hegemonia médica na saúde e na Enfermagem (Pires, 1989). E também a publicação Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil, autoria de Raimunda Germano. Enfermeira nordestina a problematizar que a história da enfermagem não se processava num espaço abstrato, mas de forma concreta na sociedade brasileira com seus determinantes econômicos, políticos e ideológicos (Germano, 2011). Leituras substancialmente revolucionárias que

brotaram viçosamente diante da atitude institucional que tentava a todo instante nos desumanizar.

De posse das leituras, mais o acúmulo das discussões vivenciadas nos encontros nacionais de estudantes, seminários e congressos, íamos compreendendo individual e coletivamente a importância de fundamentar o compromisso social voltado para a nossa realidade amazônica. Conjuntura que perpassava inclusive pela necessária institucionalização do SUS. Ampliamos todo este conteúdo com a estudantada que era receptiva. Incluso difundir tais leituras junto ao debate da Reforma Sanitária na *Semana Brasileira de Enfermagem*<sup>7</sup>. Ações que promovemos no curso de enfermagem num daqueles anos.

Entrando em contato com as áreas de atuação da Enfermagem, os conselhos das professoras enfermeiras se intensificavam de que eu não nascera para ser enfermeira. No campo de estágio na área hospitalar, muito desta vivência que orientava para a interdisciplinariedade era rechaçada. Incluindo aí o meu jeito de falar, vestir, deixar minha cabeleira crespa à vontade e visão de mundo. Uma senhora recém saída de um longo período na unidade de terapia intensiva, cabisbaixa porque seu cabelo afro estava muito emaranhado. Disse que ficaria feliz se os tivesse trançados. Me dediquei nessa missão por dois dias. Separando tufo por tufo. Minha nota final foi irregular, nossa supervisora de estágio avaliou que eu não agi como enfermeira, e que eu não era psicóloga, muito menos cabeleireira. Na clínica médica me deparei com o senhor Manoel completamente desanimado e enfraquecido, acometido por tuberculose multirresistente, há tempos internado. Recusava a dieta convicto que só o turú<sup>8</sup> curaria o seu pulmão.

Nossa conversa foi tomada pelo turú, que potência de alimento, dizia ele! Fui atrás em todas as feiras livres onde informavam a possibilidade de encontrá-lo (Mercado do Ver-o-Peso, de Icoaraci, do Telégrafo, do Porto da Palha), sem sucesso. Então o senhor Manoel disse que sua filha poderia conseguir o turú lá no seu interior de Salinas. Em visita depois de dias, ela diz que não era fácil catar este molusco. Pois ele se abrigava em madeira envelhecida no mangue ou em praia. Quem fazia isso era seu pai. Depois de todas as tentativas, nos restou o pacto. Propus que o senhor Manoel comesse a comida do hospital

<sup>7</sup> Ocorre em maio. De 12 (nascimento de Florence Nightingale 1820) a 20 (falecimento de Anna Nery 1880). Disponível em: <https://www.abenrio.com.br/79a-semana-brasileira-de-enfermagem>.

<sup>8</sup> O turú é um molusco chamado também de teredo, busano ou cupim-do-mar, da família dos teredinídeos. Possui um formato parecido com o de uma minhocinha, é gelatinoso e possui uma cabeça bem dura com dentes na boca. Vivem principalmente em manguezais, se alimentam dos troncos ou ficam em árvores podres que caem na água. Comem a madeira por dentro e formam suas colônias. Deixam os troncos cheios de furos, como se fosse uma broca. Dizem ter efeito afrodisíaco e de potente sustância para os pulmões.

pensando em mim, e eu por minha vez comeria o turú pensando nele. Assim foi. A nutricionista acrescentou um pouco mais de sabor no seu alimento e brevemente recebeu alta hospitalar melhorada. A notícia se espalhou e fiquei sabendo que conseguiria turú na região de praia no Marajó. Finalmente, no semestre seguinte, ao fazer campo para o TCC, ao chegar no trapiche de Soure, logo encomendei um litro da considerada afrodisíaca iguaria.

Encontrar quem orientasse meu TCC e também quem fizesse dupla comigo foi custoso. Enveredei por compreender um pouco mais de como estava a formação da profissional enfermeira para atuar na área rural. Por toda minha vida no arquipélago os problemas de saúde, fome e pobreza estiveram sempre em evidência. Para resolução ou responsabilização das nuances mórbidas, havia o clamor por determinado profissional, mas não por enfermeiras/os. Optei por trabalhar em cinco cidades da Ilha do Marajó (Soure, Salvaterra, Muaná, Ponta de Pedras e o meu município Cachoeira do Arari). Desse estudo conclui-se que nossa formação ia em outra direção, longe da realidade do povo do campo, das ribeiras e florestas. Com minha dupla cumprir o pacto. Realmente uma saborosidade só. Comi turú de tudo que foi jeito, cru com alho, sal, limão e cachaça. Com caldo leitosíssimo. Em voz alta referi o substancioso alimento em homenagem ao senhor Manoel.

Avançando no âmago da vida enfermática, profissional e dos estudos. Vindo do primeiro emprego que aconteceu no tempo da epidemia de cólera. Atuei na cidade de Cachoeira do Arari enquanto instrutora/supervisora do Programa de Agentes Comunitários de Saúde. O vibrião colérico atingiu potencialmente as pessoas de morada ribeirinhas. Visibilizando a pauta da equidade na saúde. Bem como a questão racial e os fatores sociais que influenciam a saúde das pessoas. Dentre os quais aqueles que geram estratificação social. E influenciam na saúde, na educação, daí a necessidade de implementar ações em todos os setores para a promoção e garantia do bem viver (Torres; Santos, 2023). Novos horizontes à vista. Atenta para a enfermagem em uso das metodologias ativas para ensinar práticas antirracistas que colabora com práticas mais humanas e fortalece a dimensão política e social. Da vida escrevivida academicamente. A Formação do enfermeiro para atuar na área rural foi o primeiro exercício de pesquisa na enfermagem. Tempo transcorrido. Dentre epistemologias, percepções, imersões e a chegada ao doutorado.

Do TCC ambientado em cinco cidades no Marajó ocorrido no ano de 1991. Atualmente trabalhando como enfermeira assistencial às Pessoas que Vivem com HIV e AIDS (PVHA) e envolta na construção da tese de doutoramento. Dentre sala de aula, a vida da pessoa e sua história social. Em diálogo no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e

Antropologia (PPGSA), pela UFPA. Das memórias relacionando nossa experiência pessoal no mundo enfermático, tanto no campo da profissão, do serviço e do curso de enfermagem. Abordando inclusive o epistemicídio. Compreendendo-se que é preciso transformar a maneira como o conhecimento é produzido e transmitido, a questionar o eurocentrismo e a colonialidade ainda muito enraizada no sistema educacional onde a enfermagem está inserida<sup>9</sup>. Abordando, sobretudo, referenciais situados na Amazônia. Desta vez levantando questões sobre a racialização da AIDS enquanto impedimentos para acessar a prevenção, diagnóstico e tratamento.

A dedicação científica e a cotidianidade. Uma enfermeira no trato, reflexões, pesquisa e o estado da arte da AIDS sob foco da sociologia e antropologia. Diante de uma epidemia com características distintas e desafiadoras existem várias estratégias de ação em resposta a combater o HIV/AIDS conforme as diretrizes do Sistema Único de Saúde. Há tecnologias de prevenção diversas visando alcançar as populações vulneráveis e prioritárias. Entre elas está a população negra. Compreendo que racismo é um determinante social importante. Há uma maior incidência de HIV entre a população preta e parda. As mulheres pretas morrem mais de AIDS do que as mulheres brancas, até três vezes mais. E os homens pretos morrem 2 vezes mais que os homens brancos (Brasil, 2023). Urge ter e difundir a prevenção e tratamento mais perto das pessoas. Bem como eliminar essas distâncias sociais da epidemia do HIV. Os dados explicitam a realidade da epidemia do HIV. Notícia de Giulia Granchi (2022) retrata a população negra mais vulnerável ao HIV e a morrer por complicações da AIDS. Diferentemente da década anterior, os negros são agora o perfil racial mais afetado pelo vírus no Brasil. Fonte do Ministério da Saúde entre 2010 e 2020.

Atualização do tema sob foco da socioantropologia no território local evidenciam faces do HIV/AIDS em seus múltiplos alcances e vivências. Sinalizando a necessidade de serem ampliados os estudos dedicados à população negra, aos indígenas e às expressões de gênero e sexualidade em sua pluralidade. Pois, o racismo regula as relações entre pessoas, profissionais e gestores, assim como impõe fatores de risco extra biológicos. Uma vez que os sistemas de opressão em nossa sociedade, como os de raça ou etnia, classe social, localização geográfica, entre outras, discriminam e excluem indivíduos ou grupos de diferentes formas. É necessário que a produção de conhecimento se traduza em ações de serviços de atendimento, como o de proteção e promoção da saúde. Aberto a compreensão sobre identidades, sistemas

<sup>9</sup> Ver: TORRES, Marta Giane. **Escrevivências enfermática de uma enfermeira feminista ativista da saúde.** Monografia apresentada na disciplina Oralidade/Escritivências. PPGSA/UFPA: Belém/PA, 2021.

de poder e como estes afetam as pessoas (Conrado et al, 2015). Eis a importância da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), esta que estabelece vínculo para o acolhimento da diferença. Fruto de muita luta política. Do povo negro que sempre tiveram o combate ao racismo como prioridade e razão de existência. Conforme afirma Lélia Gonzalez:

Eu acho que isso significa um avanço do movimento negro, uma contribuição extremamente positiva. Quer dizer, nós deixamos de ser invisíveis, a verdade é essa. Não dá mais para se ficar escamoteando a questão das relações raciais no Brasil. Pois nós estamos aí de uma forma ou de outra (Gonzalez, 2018, p. 382).

### 3. DISCUSSÃO

Aqui temos mulheres negras quilombolas e mulheres periféricas de escritas que incomodam a casa grande. Abalam as narrativas eurocêntricas presentes dentro e fora da academia. A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (Evaristo, 2014) e no cotidiano escrevivamente vem movendo as estruturas que tentam silenciar vozes insurgentes do povo que luta. Junto às comunidades negras e toda a sociedade civil organizada avançamos com nossa escrita e palavras anunciando, reverberando que as oportunidades que promovem o bem viver não são para todo mundo. Que a igualdade universal propalada é propaganda enganosa. Traduzindo-se na lógica da necropolítica (Mbembe, 2021) que define quem tem o direito de viver e quem deve morrer.

Neste contexto da luta por direitos e justiça há que se considerar a grande diversidade étnico-racial e geográfica que impera na região norte do Brasil. Para que o fazer saúde na Amazônia promova a equidade para as populações que vivem e protegem seus territórios. Pois, o ambiente todo deve continuar com saúde e inteiro. Para tanto há que se considerar sobretudo que as desigualdades sociais e econômicas pavimentam acessos a oportunidades e recursos de forma injusta. Nestas circunstâncias, certamente o bem viver está em risco. Ameaçado pelos problemas sociais, ambientais e humanitários imperativos na Amazônia.

Conforme constatações que emergem dos aprofundamentos nos estudos acadêmicos que movem as autoras deste artigo. Observa-se ainda que o referido lugar que ocupa o recorte destas escrevivências é caracterizado pela presença de pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, religiões, regiões e grupos étnicos. De espaços com particularidades socioculturais e políticas significativas, reforçando a ideia de que as pessoas autodeclarados como brancos, negros (pretos e pardos) e indígenas, ocupam espaços sociais diferentes, refletindo determinantemente nos indicadores sociais. As pessoas de origem negra e indígena

possuem os piores indicadores de escolaridade, estando, portanto, inseridos nos piores postos de trabalho e têm menos acesso a bens e serviços sociais e de saúde. As quatro mulheres aqui a escreviver, reafirmam seus lugares de fala. Contando o mundo como forma de se apropriar dele, conforme nos inspira Conceição Evaristo que inventa este mundo que existe (Evaristo, 2014).

Dentre o que vem sendo focalizado no âmbito da educação é expressado fortemente tais questões nas escrevivências de Andrea Cardoso. Que traz em suas escritas evidências das lutas e dores que marcam percursos de resistência, dificuldades, sofrimento, mas sobretudo esperança e perseverança. O fato de ser mulher preta em uma comunidade quilombola é significativo nesta trajetória. Andrea vem de uma infância negada de direitos e imperioso silenciamento. Venceu barreiras para estudar. Viveu a maternidade desde a adolescência. Exerce o professorado. Ponto de partida para as reflexões sobre os desafios da prática docente inclusiva. Entendendo que a educação é um processo de formação contínua. A estabelecer diálogos e valorização das culturas quilombolas e negras com as vivências dos estudantes. Fortalecendo suas identidades e a consciência social. Andrea faz das práticas pedagógicas caminhos para transformar a realidade dos estudantes quilombolas, a promover um ensino mais justo e acolhedor. Pelo bem viver que integra valores ancestrais quilombolas. Pelo reconhecimento da cultura, da resistência às formas de colonialidade e racismo.

Tendo também a educação como eixo da escrevivência está Flaviana Maués. Professora, nascida e moradora de território quilombola. Rios, correntezas, marés, mingau de açaí, mingau de farinha com sal e conversas com os avós marcam suas memórias. O avô pouco estudou. Dependia de montaria que negociava por um naco de alimento. O escambo do saber começava na barriga e terminava no caderno, recorda. Flávia considera que escutar os mais velhos a ensinou a respeitar sua ancestralidade e compreender que viver no quilombo é mais que existir, é permanecer. Estas lembranças não estão nos livros. Ressalta que estão enraizadas no que aprendeu no quilombo. São escrevivências para não romantizar a vivência. Escreve o vivido para não esquecer. Uma exposição de um lado cruel da sua história, o lado da negligência. Assim como seu avô, muitas pessoas negras quilombolas não desfrutaram do privilégio de estudar. Em sua escrevivência retrata o bem-viver nas imagens de crianças negras lendo e brincando. Um casco, rio e árvores. Expressam a cotidianidade da infância, liberdade e pertencimento ao território ribeirinho quilombola amazônico.

As escrevivências comportam relatos de mulheres que vieram do interior do estado e desenvolvem suas escritas a partir da área urbana de Belém. Huiny Silva Monteiro, bióloga,

bisneta de mulher benzedeira nasceu e conviveu com os seus na periferia da capital do Pará. Sua mãe morava numa pequena cidade fronteiriça com outra cidade da região norte. Migrou ainda criança para morar e trabalhar em casa de família. Huiny entre palavras cruas rememora o que significava a exploração do trabalho doméstico exercido por sua mãe menina que pariu Huiny na adolescência. Ao registrar as memórias. Cuidar de si a partir da escrita. Entre letras e palavras escolhidas, Huiny promove autoterapia. Atravessou a pandemia do Covid-19 defendendo seu TCC. Período em que teve emergido e exacerbado problemas de saúde da sua infância. Na religiosidade e espiritualidade teve amparo para suas dores e males. É filha de Oyá sob proteção de Obaluaiê e entende que escrevivências e os bem-viveres guardam e transcendem dignidades.

Assim como a escrevivente supracitada, Marta Giane Machado Torres é urbana de Belém. Teve infância na Ilha do Marajó. De onde saiu na adolescência. Sua escrevivência é direcionada a partir de sua vida acadêmica. De como chegou na enfermagem onde foi mal acolhida. Dentre leituras, movimento estudantil, institucionalização do SUS, cabelos afros e turus, o seu TCC apontou distanciamento do compromisso profissional com o compromisso social enfermático na vida rural. Na sua experiência do doutorado o movimento da escrevivência marca muito a pauta da equidade na saúde. Da questão racial e os fatores sociais, da estratificação social que influenciam a saúde das pessoas. E influenciam na saúde, na educação, daí a necessidade de implementar ações em todos os setores para a promoção e garantia do bem viver.

As escrevientes empenhadas em retratar suas memórias ressaltam o compromisso social. Apresentam a necessidade do convívio intercultural que respeite as identidades e cosmologias tradicionais. Publicizam escrevivências sobre preservação da memória, da ancestralidade e das práticas culturais que formam a identidade quilombola. Estas que resistem às influências colonizadoras, neopentecostais, fundamentalista. Entrelaçando com o bem viver que envolve a valorização dos saberes tradicionais, benzedeira e a continuidade das relações comunitárias e espirituais. Do contato com a natureza, o tomar banho no rio, no igarapé, é um esforço de diálogo intercultural que possibilita a afirmação da autonomia e do protagonismo quilombola frente às tentativas de homogeneização cultural e racista.

O bem viver, enquanto forma de existência que reforça a resistência cultural e fortalece os vínculos sociais e espirituais. Neste sentido é vital agregar o aporte teórico sobre raça na educação em saúde também. Visto que muitas questões do cotidiano envolvem aspectos educativos e informativos. E aponta incluir dimensionamento nos moldes de uma

educação antirracista. O racismo é estrutural. Cotidianamente se apresenta de várias formas: institucional, profissional, ambiental. O estado do Pará está inserido no contexto de invisibilização, é necessário antever especificidade do sujeito de direito, em sua particularidade e peculiaridade:

Conferir a determinados grupos uma proteção especial e particularizada. Os grupos que carecem dessa proteção particularizada são aqueles vítimas de discriminações. A discriminação, suprimindo direitos fundamentais, os coloca em situação de vulnerabilidade. É neste cenário que negros, povos indígenas, mulheres, crianças e demais grupos passarão a ser vistos nas especificidades e particularidades de sua condição. A cena, portanto, está pronta para que seja adotada uma nova concepção de igualdade. Neste caso, uma concepção substancial da igualdade, a igualdade material (Deus, 2020, p. 102).

Como aponta Conceição Evaristo (2016) em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Quando dos contos materializados a partir das entrevistas com mulheres negras e as escrevivências que levam essas mulheres a olhar de frente para seus sofrimentos, superando-os talvez. Nossas escrevivências têm amparo substancial na concepção de Evaristo. Pois, estamos a construir e exercitar narrativas de nós mesmas, que valorizam as memórias, experiências e saberes de pessoas, especialmente de mulheres negras e de comunidades periféricas e quilombolas. Justa escrevivência que expressa histórias de resistência e identidade, superando silenciamentos impostos pelas estruturas coloniais e racistas. Baseada, sobretudo, na valorização dos saberes ancestrais, das relações comunitárias e do cuidado com a natureza.

As nossas escrevivências individuais de mulheres negras e periféricas intencionam dar um sentido coletivo a partir de questões, diálogos e propósitos para que o escrevivido não estagne nas nossas dores e mazelas. Para tanto, acreditamos que nossa decisão pelo bem viver flui por celebrar nossas potências enquanto mulheres negras que entendem que não há bem viver possível na ausência da coletividade, ou seja, em vez de uma visão individualista, baseia-se no bem-estar em comunidade e na ideia de reciprocidade, que envolve uma relação entre pessoas e natureza. Para além disso, parte de uma visão que busca a construção de sociedades justas e equitativas, onde haja dignidade para todas as pessoas.

Portanto, entende-se que o viver bem só existe se houver coletivo e se houver encontro com o outro, isso envolve humanos e não humanos. Sem o outro não há possibilidades de partilha, não há cuidado, não há possibilidades de cura, apenas sobrevivência individual, que é o oposto do bem viver. Por isso nossas escrevivências consideram o outro, a natureza, os rios, a terra e tudo que nos cerca, onde o bem de um depende do bem de todos. Assim, o bem viver

é compartilhado e a escrevivência também é. Eles se manifestam quando a nossa escrita não fala só sobre nós, mas refere-se a existência e experiências de muitas mulheres que, assim como as autoras, lutam e esperam por um bem viver fundamentado na dignidade para todos e todas, no qual haja respeito a vida, aos espaços e aos territórios que habitamos, reconhecendo que a existência só é plena quando é compartilhada.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizamos esta proposta reafirmando os nossos lugares de fala, os quais são, sobretudo, particulares de cada autora. Com tudo, pode-se notar em cada escrita a presença do ato de resistir contra um sistema que tende a subjugar e enfraquecer nossas existências como mulheres negras quilombolas e mulheres periféricas. Não é ao acaso que nossas escritas atormentam a casa grande e confrontam as narrativas eurocêntricas presentes dentro e fora da academia. Este fato revela uma estrutura que buscou silenciar vozes insurgentes, principalmente das comunidades negras e dos territórios populares. Ao mesmo tempo, nossas palavras desmascaram a farsa da igualdade universal, essa ideia de que vivemos em um mundo de oportunidades iguais, quando, na verdade, é a própria lógica necropolítica que define quem tem o direito de viver e quem deve morrer.

Assim, concluímos ressaltando que, as escritas registradas aqui expressam questões numerosas que vislumbram nas entrelinhas problemas coletivos de negligência, racismo, intolerância, dor, luta, penúria, privação, desigualdade entre outras coisas. Mas além disso, elas reverberam a voz de pessoas historicamente marcadas, silenciadas e excluídas de todos os espaços que constroem a sociedade. Dessa forma, essas narrativas não apenas expõem as marcas da exclusão, mas também constituem um campo legítimo de produção de conhecimento e de reivindicação epistemológica.

Consideramos que as escrevivências individuais de cada autora revelam elementos fundamentais que não podem faltar no horizonte do bem viver. O bem viver exige igualdade para todos e equidade para quem precisa, independentemente de classe social, cor, história ou etnia. Embora haja diferentes percepções sobre o que significa bem viver, há princípios que são inegociáveis: não há bem viver possível diante da negligência, da exclusão ou da desigualdade. Todo bem viver precisa garantir acesso à educação, à saúde, à oportunidade de expressar a fé ao seu sagrado, e de construir caminhos de dignidade coletiva.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Editora Elefante, 2019.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 02 set. 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim Epidemiológico Saúde da população negra**. Número Especial, volume 01. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-saude-da-populacao-negra-numero-especial-vol-1-out.2023/> Acesso em: 0set. 2025.

CONRADO, Mônica Prates; CAMPELO, Marilu; RIBEIRO, Alan. Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense. **Afro-Ásia**, n. 51, p. 213-246, 2015. Acesso em: 05 set. 2025.

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos trilhados na luta antiracista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020. (Coleção: Cultura negra e identidades).

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

DUARTE, Constância Lima, CÔRTES, Cristiane, PEREIRA, Maria do Rosário Alves (orgs.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1<sup>a</sup>. ed., Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 3<sup>a</sup>. ed., Malê, Rio de Janeiro, 2020.

GERMANO, Raimunda Medeiros. **Educação e ideologia da enfermagem do Brasil**. 5<sup>a</sup> ed., São Paulo, Yendis, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GRANCHI, Giulia. O que torna a população negra mais vulnerável ao HIV e a morrer por complicações da Aids. **BBC News Brasil**, São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61960207?xtor=AL-73-%5Bpartner%5D-%5Buol.com.br%5D-%5Blink%5D-%5Bbrazil%5D-%5Bbizdev%5D-%5Bisapi%5D>. Acesso em: 06 set. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

PIRES, Denise. **Hegemonia médica na saúde e a enfermagem**. São Paulo, Cortez, 1989.

TORRES, Marta Giane Machado; SANTOS, Antônio Luís Parlandin. Educação, ambiente e interculturalidades do nosso viver amazônico: vivência pelo bem viver! **Revista Humanitas**, v. 2, n. 1/2, 117-136, 2022. Acesso em: 05 set. 2025.